

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

## A(GENTE)S DOS DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA: (RE)CRIANDO OLHARES

Fábio Costa Melo  
UnB - Universidade de Brasília  
SEEDF – Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal  
costamelofabio@gmail.com

### Resumo

Este trabalho apresenta uma proposta de Educação em e para os Direitos Humanos (EDH), sob a perspectiva de uma educação emancipatória, a partir dos desafios geracionais no ambiente escolar, utilizando o audiovisual como ferramenta pedagógica para o acolhimento e a inclusão de estudantes LGBTQI+ e suas interseccionalidades. Reconhecendo a necessidade de enfrentar desafios como violência e discriminação, a metodologia foca na produção, leitura e análise crítica de conteúdos audiovisuais. As atividades incluem cineclubes, diários visuais, narrativas audiovisuais coletivas, filme carta e murais colaborativos. Espera-se que essa abordagem promova um ambiente escolar mais inclusivo, desconstruindo normas binárias e reinventando imaginários. A produção de imagens é vista como um ato de presença e resistência, fortalecendo a escola como espaço de diálogo e transformação social, em consonância com a educação emancipatória e com a Lei do Cinema na Escola. O projeto culmina na produção de curtas-metragens por turma, celebrando a diversidade e o engajamento.

**Palavras Chave:** Educação em e para os Direitos Humanos. Interseccionalidade. LGBTQI+. Alteridade. Emancipação.

### Introdução

A Educação em e para os Direitos Humanos (EDH) não é apenas uma proposta teórica; é a engrenagem que move toda prática pedagógica rumo à construção de uma cidadania crítica e à realização de sociedades realmente justas. Não se restringe ao ato de planejar e se fundamentar em uma nova disciplina, mas se inscreve nas dinâmicas cotidianas das escolas, na conversa do pátio e na avaliação colocada em debate na formação docente. Candau (2017) e Freire (2021) insistem que o fundamental é provocar mudanças nas relações e nas emoções, é gerar convicção na diversidade e, ao mesmo tempo, convocar todas,es,os<sup>1</sup> a

---

<sup>1</sup> Eu utilizo as/es/os em meus textos inspirando-me na abordagem de Leonardo da Cunha Mesquita Café, apresentada no artigo *La reunión colectiva es hoy: Género y Diversidad Sexual en debate en la Coordinación Pedagógica* (Discurso & Sociedad, 18(1), 2024, pp. 89-115). Segundo Café, “a língua é um fenômeno vivo que se transforma com as provocações sociais e, embora essas mudanças levem tempo para se consolidar, elas são necessárias. Utilizar essa marcação tripla de gênero é uma forma de abandonar o masculino genérico e a materialidade linguística binária, além de dar visibilidade às pessoas não-binárias. Ao utilizar as/es/os, busco

se tornarem agentes da democracia. A falsa “ideologia de gênero” com as investidas reacionárias antigênero<sup>2</sup>, com suas complexidades e feridas expostas, que vão da discriminação à violência, confere à escola a responsabilidade de não apenas acolher, mas de intervir e de se reinventar. Este texto apresenta uma proposta de inserção da EDH, que se apoia na força do audiovisual enquanto mediação pedagógica. Ancorando-se em Fresquet (2013), propõe-se o uso do cinema como gesto de criação e alteridade, um “outro” que desestabiliza certezas e instaura mistério no espaço escolar, para trabalhar a interseccionalidade, não como uma pauta a ser cumprida, mas como um fluxo de pertencimento. Esse fluxo é a essência do que idealizamos: um coletivo que se movimenta e que nos conduz a sermos — A(GENTE)S DOS DIREITOS HUMANOS NA ESCOLA — o “a gente” que entrelaça histórias, vozes e resistências. “(Re)criar olhares” é o convite para reconhecer essa luta ancestral, para compreender e existir de modos que subvertem o previsto, para romper com invisibilidades e abrir espaço a novas formas de ver, viver na escola e na sociedade. É, acima de tudo, um chamado para a reinvenção dos nossos modos de ser e estar juntas, es, os.

## Desenvolvimento

A estrutura metodológica que sustentará este projeto assenta na perspectiva de que a Educação em e para os Direitos Humanos (EDH) só conseguirá ser transformadora se mobilizar afetos, olhares e linguagens que habitam a sensibilidade, considerando as complexas interseccionalidades das desigualdades e opressões presentes na sociedade. Para tal, a linguagem audiovisual, abrangendo curtas-metragens, vídeos, documentários, fotografias e registros captados em dispositivos móveis, configura-se como uma possibilidade poderosa para translocações do olhar e para debates que pensam, em profundidade, diversidade e direitos. Nesse sentido, as contribuições de Karla Akotirene são fundamentais para compreender as interseccionalidades das opressões que atravessam a educação, enquanto a perspectiva pós-estruturalista de Guacira Lopes Louro sobre gênero e sexualidade ilumina os caminhos para desconstituir a lógica binária que segmenta identidades, ampliando as possibilidades de inclusão das diversas expressões de masculinidade e feminilidade na escola. Paralelamente, a abordagem do dispositivo da pesquisadora Adriana Fresquet destaca o uso do audiovisual pedagógico como meio para provocar um olhar atento e crítico. Sua proposta, em diálogo com Alain Bergala, valoriza o cinema como arte na escola, defendendo uma

---

não apenas me provocar, mas também instigar quem lê meus textos a refletir sobre outras existências possíveis, marcadas pela linguagem.” Café, 2024, p.19.

<sup>2</sup> As investidas do reacionarismo antigênero visam deslegitimar a liberdade docente, desestabilizar o caráter público e laico da política educacional e restringir, inibir ou criminalizar a atuação de setores voltados a consolidar a instituição escolar como espaço de formação crítica e socialização para o convívio plural, cidadão e democrático. Junqueira, 2022, p.27.)

"pedagogia do fragmento" e uma "hipótese-cinema" que coloca o espectador no lugar do autor, promovendo uma leitura criativa e não apenas analítica. Essa perspectiva converte a sala de aula em um laboratório vivo de experiências audiovisuais e dialoga com a Lei nº 13.006/2014, que estabelece a obrigatoriedade da exibição de filmes de produção nacional nas escolas, reforçando a função do cinema e dos recursos audiovisuais como instrumentos de empoderamento, acolhimento e inclusão no contexto escolar.

O projeto propõe-se a (re)criar, de modo sistemático e progressivo, práticas de acolhimento, diálogo e sensação de pertencimento entre os estudantes LGBTQIA+ e suas interseccionalidades no currículo da sala de aula. Interroga quais imagens precisam ser deslocadas repetidamente na circulação e que novos imaginários devem ser inventados para garantir a permanência, resistir à violência e contornar as gramáticas da cisheteronormatividade. As atividades, sequenciais e interligadas, buscam garantir uma continuidade em si mesmos dos estudantes, tanto nas temáticas quanto nas linguagens, iniciando pelo debate geral dos direitos humanos e avançando para questões mais específicas relacionadas às identidades dissidentes. Trata-se da busca em construir um ambiente seguro para estudantes e profissionais refletirem, tirarem dúvidas e ressignificarem entendimentos sobre múltiplas identidades e as violências e resistências que atravessam corpos dissidentes.

### **Cronograma:**

**Abril:** Espelho, Espelho Meu: Autorrepresentação e Identidade Visual  
Construção da identidade e autorrepresentação. Dispositivos como "Mapa de Identidade Visual" e "Workshop de Autorrepresentação Fotográfica" permitem aos estudantes, sobretudo LGBTQIA+, expressar-se e visibilizar suas identidades. A exposição "Meu Olhar" transforma.

**Maior:** O que nos define? Interseccionalidade e Narrativas Visuais  
Discussão sobre identidade e interseccionalidade. Painei de discussão com membros da comunidade LGBTQIA+ e minorias, aliado à "Oficina de Storytelling Visual" para criação de narrativas visuais plurais. O Cineclube temático - complexidade das identidades.

**Junho:** Escola Antirracista, Antimachista, Anti-LGBTfóbica: Imagens de Resistência  
Enfrentamento das discriminações. Seminário temático e estudos de caso. (Atividade Minuto Lumière).

**Agosto:** Tudo que Nós Tem é Nós: Ativismo e Engajamento Cívico Audiovisual  
Ativismo e engajamento cívico. Oficina e produção de campanhas para a comunidade escolar.

**Setembro:** Valorização da Vida e o Filme Carta: Narrativas de Acolhimento e Transformação. Temática de valorização da vida e saúde mental e O "Filme Carta."

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Outubro: Análise das Produções e Ensaio Visuais  
Reflexão e aprimoramento das produções. Sessões de feedback e workshops de edição permitem aprimorar as habilidades técnicas e narrativas.

Novembro: Curta-Metragem por Turma: Narrativas Coletivas de Transformação  
Culminância do projeto com a produção de curtas-metragens coletivas, sintetizando aprendizados sobre EDH, audiovisual, inclusão e interseccionalidade.

### **Conclusão**

Este plano sugere a integração do audiovisual na Educação em e para os Direitos Humanos a para abordar a interseccionalidade na escola. Ao incorporar as reflexões de Fresquet (2013), vai-se além do uso instrumental do cinema, propondo-o como experiência estética e política de (re)criação do olhar, a partir da reflexão, criação e expressão, utilizando linguagens visuais para (re)criar olhares, desconstruir preconceitos e construir narrativas de acolhimento e resistência. Assim, busca-se um espaço favorável a criatividade, valorizando a voz e a visibilidade dos estudantes, para formar indivíduos críticos, empáticos e atuantes na construção de sociedade justa e equitativa. A produção de imagens na busca de transcender a representação é um convite à reinvenção dos imaginários sociais.

VIII Colóquio Internacional  
A Educação pelas Imagens e suas Geografias  
10º Encontro com Imagens e Filosofia  
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS –  
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

### Referências:

AKOTIRENE, Karla. Interseccionalidade. São Paulo: Jandaíra, 2021. (Coleção Feminismos Plurais).

BERGALA, Alain. A hipótese-cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BRASIL. Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014. Obriga a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 27 jun. 2014.

CANDAU, Vera Maria. Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. Revista Brasileira de Educação, v. 22, n. 69, p. 839-860, 2017.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRESQUET, Adriana. Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Coleção Alteridade e Criação).

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da “ideologia de gênero”: um projeto reacionário de poder. Brasília: LetrasLivres, 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.